

Cartas ao coração enclausurado

Correspondência de Alceu Amoroso Lima à filha freira revelam mais do que amor

Por: Maria Clara Bingemer

Já no prefácio da correspondência de Alceu Amoroso Lima - escritor e jornalista católico, que durante anos usou o pseudônimo de Tristão de Athayde - com sua filha Lia, hoje madre Maria Teresa, abadessa do mosteiro de Santa Maria, em São Paulo, encontra-se a palavra que dá sentido a toda essa obra: fé. É a fé que ilumina a vida desses dois seres que se amavam profundamente como pai e filha, mas que também se amavam muito além do amor humano paterno e filial.

Nas cartas de Alceu a sua filha Lia, chamada pela vocação religiosa a tornar-se beneditina e a adotar o nome de Maria Teresa, está presente a militância do pai como escritor católico e a escolha radical da filha, que optou para sempre pela clausura.

Durante 50 anos, madre Maria Teresa guardou esse tesouro esperando um sinal de Deus para abri-lo ao público. E, segundo ela, esse sinal veio por mediação do próprio pai: "Um dia... foi como se papai simplesmente me tivesse feito um sinal e... senti que a hora havia chegado."

As cartas foram selecionadas por sua destinatária e digitadas e revistas por seus irmãos, Alceu Filho e Sílvia. São 11 anos da vida de Alceu, narrados em cartas, sem falhar um só dia, a sua filha: de julho de 1958 a dezembro de 1968. Elas são acompanhadas de esclarecedoras notas de rodapé. Ilustram o livro fotos de Alceu em grandes momentos de sua vida, seja com sua família, seja com personagens famosos: Graça Aranha, Jacques e Raïssa Maritain, Thomas Merton e outros. A cronologia e o índice onomástico situam o leitor mais jovem no mundo e na época de Alceu.

Além de ser uma viagem à intimidade do autor, trata-se de um fascinante percurso pelos meandros de acontecimentos significativos do século 20. O leitor encontrará as reações de Alceu diante da Guerra Fria, da Revolução Cubana, do golpe militar de 1964 no Brasil. E também frente ao Concílio Vaticano II, às mudanças da Igreja Católica, e a emergência de um laicato ativo no movimento da Ação Católica, da qual foi presidente.

Alceu se deslumbra com o processo de mutação por que passa o mundo e a Igreja e se indigna com as barbaridades da ditadura militar. As cartas são testemunhas de uma luta diária para, em meio às mais complexas situações, permanecer fiel à vontade de Deus, ainda que colocando em risco prestígio, relações, amizades e segurança.

O corajoso jornalista jamais abdicou do sagrado dever de dizer a verdade, colocando-se assim na posição de *persona non grata* numa época na qual o medo imperava no país. Sem dúvida, era para ele um precioso apoio a interlocução com a filha, que, da clausura de seu convento, lia e acompanhava o pai com sua oração.

Ao afeto transbordante de ternura pela filha religiosa se agregam o respeito e a confiança em alguém que podia ajudá-lo a permanecer fiel em meio a qualquer tempestade. Lia, ou melhor, madre Maria Teresa, é confidente das decisões mais importantes da vida do pai, tais como aceitar missões de protagonismo pedidas pela Igreja, ou como continuar expondo

seu pensamento em defesa da liberdade e da justiça mesmo quando a crueldade da ditadura militar levava às prisões e à tortura muitos jovens idealistas.

A toda uma geração de católicos, Alceu deu o testemunho de uma vida inteiramente dedicada ao serviço da fé e à construção da justiça. Este testemunho, no entanto, veio indissolavelmente unido a uma imensa alegria, a um gosto sadio pela vida. Alceu nunca foi um cristão sisudo, com ranço de sacristia, que afasta mais do que aproxima as pessoas de Deus. À medida que ia avançando em idade, Alceu parecia tornar-se mais jovial, sereno, aberto ao novo.